

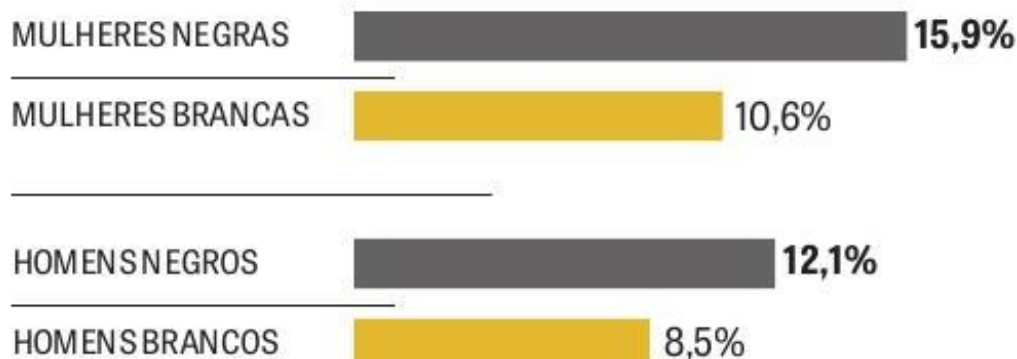
Desemprego avança mais entre negras

MULHERES

● O desemprego cresceu mais entre mulheres negras durante a crise. Entre o quarto trimestre de 2014 e igual período de 2017, a taxa de desocupação passou de 9,2% para 15,9%, alta de 6,7 pontos percentuais. Já o desemprego entre brancas bateu 10,6% no fim de 2017, alta de 4,4 pontos ante 2014, mostra estudo da economista Marilane Teixeira, com base nos dados do IBGE. **PÁGINA 4**

DESOCUPAÇÃO

Taxa de desemprego no quarto trimestre de 2017



De 2014 para 2017, a taxa de desocupação entre elas saltou de 9,2% a 15,9%, enquanto entre as brancas o nível foi de 6,2% para 10,6%; informalidade é a marca das que estão ocupadas no País

Desemprego avançou mais rápido entre as mulheres negras no Brasil

TRABALHO

Paula Salati
São Paulo
paulas@dcicomercio.com.br

● O desemprego cresceu mais entre as mulheres negras durante a crise. Entre o quarto trimestre de 2014 e igual período de 2017, a taxa de desocupação entre elas passou de 9,2% para 15,9%, aumento de 6,7 pontos percentuais.

Já o desemprego entre as mulheres brancas bateu 10,6% no final do ano passado, alta de 4,4 pontos em relação aos últimos três meses de 2014, quando a taxa de desocupação foi de 6,2%, mostra um levantamento da economista e professora da **Unicamp** Marilane Teixeira, com base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre os homens negros, o desemprego chegou a 12,1% ao fim de 2017, alta de 5,8 pontos.

Por outro lado, a população branca masculina não só alcançou a menor taxa de desocupação no ano passado, como também expandiu menos em três anos: +3,9 pontos, de 4,6% a 8,5%.

Para Teixeira, os dados evidenciam que a recessão aprofundou fortemente as desigualdades estruturais do País, as quais não conseguiram ser superadas nem mesmo durante ciclos econômicos de crescimento. “Os



O trabalho informal atingiu 52,4% das mulheres negras brasileiras, no último trimestre do ano passado

problemas estruturais de gênero e raça no Brasil se acentuaram na crise, e a recuperação da economia em 2017 foi marcada, do ponto de vista do mercado de trabalho, pelo emprego precário e informal.”

Informalidade

Segundo a professora da **Unicamp**, a informalidade atingiu 52,4% das mulheres pretas e pardas e 43,2% das brancas. Entre a população masculina, a taxa foi de 53,9% para os negros e de 46,9% para os brancos. Teixeira ressalta que, apesar das mulheres brancas

terem o menor nível de informalidade, a ocupação entre elas “praticamente estagnou”.

A professora da **Unicamp** especifica que as mulheres absorvidas pela informalidade têm atuado, geralmente, nos serviços e comércio, vendendo alimentos, costurando para fora e até no chamado “trabalho familiar auxiliar”, que cresceu bastante entre a população feminina, segundo Teixeira. “É aquela mulher, por exemplo, que trabalha no bar do marido para ajudá-lo, mas quase sempre sem remuneração”, diz.

Na avaliação de Teixeira, o

ano de 2018 ainda será marcado pela informalidade entre as mulheres, já que este perfil de ocupação permite a elas se dividirem nas tarefas domésticas. “Desde 2000, as mulheres continuam trabalhando o dobro de horas em casa do que os homens. Este número não muda e não há nenhuma sinalização dos governos de criação de políticas públicas que reduzam essa desigualdade, como a criação de creches, por exemplo.” Segundo o IBGE, as mulheres dedicam 73% mais horas do que os homens aos cuidados domésticos.

Ocupação feminina cai 1,1% em S. Paulo

O nível de ocupação das mulheres caiu 1,1% entre 2016 e 2017 na região metropolitana de São Paulo (RMSP), mostra um estudo da Fundação Seade e o Dieese. Essa queda ocorreu, principalmente, entre as empregadas domésticas mensalistas ou diaristas e entre as assalariadas com carteira de trabalho assinada da indústria, construção, comércio e serviços. Esse resultado negativo do nível ocupacional refletiu no aumento da taxa de desemprego das mulheres, de 18,3%, em 2016, para 19,7%, em 2017. As mulheres ocupadas tinham jornada média semanal de 38 horas e os homens, de 43 horas.

Outros dados mostram que, em 2017, 33,4% das mulheres da RMSP eram empreendedoras. No auge da vida produtiva (de 25 a 49 anos) as mulheres (58,1%) empreendem mais que os homens (56,9%), enquanto após os 50 anos esse comportamento se inverte, quando os homens exercem mais essa atividade (38,1%) que as mulheres (36,2%). Em 2017, as empreendedoras recebiam R\$ 10,14 por hora, contra R\$ 13,50 dos homens.